



Reflexões Acerca do Conceito e das Práticas Educomunicativas



Janete Cardoso dos Santos
Joadir Antônio Foresti

1. INTRODUÇÃO

Esse capítulo se propõe a revisar conceitos relacionados à educomunicação, a partir de alguns dos muitos textos e trabalhos publicados sobre o tema, sobretudo por autores como Ismar de Oliveira Soares, Adílson Odair Citelli e Maria Cristina Castilho Costa. A maioria dos textos lidos se encontra publicado na Revista Comunicação & Educação. A revista representa um marco teórico e de registros de práticas ao longo da trajetória de construção, discussão e disseminação do que tem sido construído em torno da educomunicação no Brasil. É possível perceber que os conceitos e práticas nessa área acompanham os momentos históricos e políticos pelos quais atravessaram o país, visto que tanto a comunicação como a educação não são isentas de tais movimentos, onde a tensão quanto à construção da cidadania é uma constante.

Comunicação e Educação são duas áreas de conhecimento que, na prática, estão significativamente interligadas, porém, no campo teórico ainda se mantêm um tanto afastadas. Por isso se faz necessário enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes. O trabalho se propõe a desenvolver uma busca teórica produzida ao longo da história da educomunicação no Brasil, bem como esmiuçar os principais conceitos desenvolvidos e seus propósitos de intervenção na área da comunicação e educação.

O tema educomunicação, no Brasil, como expresso anteriormente vem sendo tratado de forma sistemática há mais ou menos 20 anos pela Escola de Comunicação e Artes da USP- ECA. A revista Comunicação & Educação tem sido um dos únicos meios de produção e divulgação do tema e de práticas. O tema tem sido divulgado também pela Editora Paulinas de forma sistemática, tanto por meios de publicações, quanto por meio de cursos e de assessorias. No campo da educação, ainda se encontra pouca produção a seu respeito, devido a pouca interlocução que a educação tem conseguido fazer com a comunicação. No entanto é possível perceber que essa relação tem sido alterada, pois as gerações atuais já transitam com mais facilidade por áreas distintas e tem apontado para práticas mais dialógicas. Envolver a comunicação, sobretudo, no tempo atual, onde as possibilidades de informação são tantas dando a impressão de que estamos

nos comunicando, parece-nos ser significativa nesta problematização. Informar é comunicar? Educar e comunicar, o que há de comum nos dois processos?

Acredita-se que, ao revisitar conceitos e trajetórias históricas é possível fortalecer práticas no tempo atual, destacando a importância de ampliar o campo comum entre as duas áreas e, assim, contribuir com alguns dos desafios que as escolas, grupos sociais, instituições têm apresentado em forma de dificuldades no campo da prática, no que se refere a processos comunicacionais e educativos.

A educomunicação representa um desafio no sentido de que é necessário pensar em projetos educativos, de forma mais sistêmica e orgânica; de que se aponte e crie efetivamente um debate em um campo de ação novo, de repensar as questões de ensino-aprendizagens; de apresentar formulações de currículos e gestão de processos de educação tanto formais como não formais, visto que estamos mergulhados em novos contextos, onde a comunicação representa lugar central nos processos estratégicos.

Nesse sentido, é urgente buscar por referenciais teóricos que deem sustentação a todas as práticas que estão sendo descortinadas. Essa atitude é perceptível na própria revista Comunicação & Educação ao longo dos últimos 20 anos. É possível perceber a presença do diálogo freiriano no trabalho do grupo de pesquisadores e divulgadores da educomunicação, onde aparece o fundamento de que não há verdade pré-estabelecida, mas que as verdades são construídas por sujeitos concretos e a partir de vivências reais. O empoderamento dos sujeitos em seus diferentes espaços e formas de criação fica explícito nos referenciais da educomunicação, confirmando assim, os propósitos de ambas as áreas e proporcionando diálogos com outras relacionadas a formação dos sujeitos.

2. ALGUMAS REFERENCIAS

A educomunicação é um paradigma orientador de práticas que tem como objetivo o fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais, mediante a gestão compartilhada e solidária das tecnologias da informação, num exercício prático do direito universal à expressão. O termo surge a partir dos escritos de Mario Kaplún nas décadas de 1970-1980, no contexto social e político da América Latina, que desde os anos de 1960, por meio da comunicação alternativa e da

educação popular, vinha sendo cunhado. Atualmente, a educomunicação está presente em diferentes movimentos sociais e em muitas escolas e Redes de Ensino e segue em processo de solidificação e vem ganhando novos contornos, exatamente, porque acompanha o movimento do desenvolvimento da cidadania.

Constitui-se um desafio para os educadores e comunicadores na contemporaneidade compreender a realidade e buscar um novo sentido em meios a tantas contradições do confronto entre Modernidade e Pós-modernidade. A Modernidade dividiu o homem entre razão e sensibilidade, e forçou a educação a optar pela hegemonia da razão, deixando de lado a dimensão da criatividade e do envolvimento afetivo como princípio de aprendizagem. Hoje, a pergunta é 'qual o papel da educação na era da informação', já que vivemos mergulhados em tantas opções para se chegar aos conteúdos, antes apresentados pela educação. Francisco Gutiérrez (1996) propõe que a escola contemporânea se volte mais para a sensibilidade humana que para uma racionalidade abstrata e distante. E nesse sentido a comunicação tem o papel de fazer com que os processos se tornem mais naturais, possibilitando ao ser humano comunicar-se. É necessário educar para a incerteza, para usufruir mais da vida e para que os sujeitos se apropriem melhor da história e da cultura, ou seja, fomentar a cidadania.

Nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento. (MORIN, 2000, p. 84)

Outra dimensão importante da educomunicação, pressuposto abordado por Paulo Freire, é o Diálogo. Para Freire (1976), a comunicação é vista como um componente do processo educativo e não há como prescindir dela no ato educativo, afastando, assim, a ideia de comunicação como algo instrumental e tecnicista. Dessa forma, Educação e Comunicação constituem-se em uma relação e não em áreas distintas. É importante lembrar que a educomunicação não é uma nova disciplina a ser acrescentada nos currículos escolares, ela inaugura um novo paradigma discursivo, assumindo conceitos transversais. A educomunicação traz em sua identidade a questão do processo, o envolvimento midiático, envolve a

transdisciplinaridade e é interdiscursiva, destacando ainda que os atores sociais vivenciam concretamente a intervenção social.

No plano epistemológico é possível pensar em um novo campo reflexivo e interativo, porém não sem tensões. A educação, em todos os níveis e espaços onde se concretiza, é atravessada pelo desafio da inclusão, no seu fazer, das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Estas representam novas formas de os sujeitos estarem no mundo e solicitam outras relações da escola com as mídias e que é preciso elaborar formas de proporcionar a alfabetização para a comunicação, bem como o preparo para a leitura crítica dos mecanismos tanto do ensino como da aprendizagem.

Um exemplo de uma das respostas aos tantos desafios colocados à educação em relação à comunicação é a iniciativa da USP, por meio do Departamento de Comunicação e Artes da Escola de Comunicação e Artes, que, em 2009, criou a Licenciatura em Educomunicação, para que os professores estivessem melhor preparados na atuação nos espaços formais e informais da educação. De acordo com Citelli (2011), o grande desafio percebido e vivenciado no projeto da Licenciatura em Educomunicação é a confirmação de que as licenciaturas ainda são pensadas em uma estrutura segmentada e estão colocadas para responder a demandas disciplinares. As disciplinas não possuem fluxo interno para que se estabeleçam os vínculos comuns entre as áreas do conhecimento.

Vale ressaltar ainda que a nova configuração tanto do ambiente como a presença dos sujeitos, aponta para a necessidade de outras formas de construção do conhecimento. Hoje, os discentes são chamados de nativos digitais que, segundo Marc Prensky (Apud CITELLI, 2011, p. 61), são aqueles nascidos sob o signo da revolução informacional, telemática, sendo por ela embalados. Ao contrário, os migrantes digitais, herdeiros da sociedade industrial, têm que se adaptar aos novos paradigmas sociotécnicos. Nesse quesito, a comunicação oferece uma amplitude nas relações sociais, as quais é necessário que a educação incorpore.

A comunicação trabalha com a dimensão estratégica para produção e circulação dos bens simbólicos e não se pode deixar de mencionar que há uma indústria que fabrica equipamentos com as mais altas definições e tecnologias

e que é preciso trazer para o ambiente da aprendizagem, pois tudo isso tem causado grande impacto na vida social de todos. Segundo Soares (2011, p. 15)

No mundo latino, certa aproximação foi constatada graças a contribuição teórico-prática de filósofos da educação como Célestin Freinet ou Paulo Freire, ou da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mario Kaplún. Colaboraram também para essa aproximação o avanço das conquistas tecnológicas e o barateamento dos custos dos equipamentos, o que levou grupos ativos e organizados de especialistas a iniciarem um irreversível processo de aproximação entre os dois campos.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando se entendeu que a mídia fazia parte da cultura, foi possível entender que, como objeto da cultura, a mídia poderia muito bem se transformar em um objeto de ensino. Muito dos programas atuais voltados para a chamada mídia-educação (**media education**) tem como fundamento a chamada sociologia da educação e aponta para o fato que a mídia é o principal agente socializador do mundo contemporâneo. Portanto a mídia é uma atriz, é uma personagem importantíssima da cena social que precisa ser conhecida. Assim, é possível perceber o movimento tanto das ideias, por meio dos teóricos, como pelo acesso aos bens e às tecnologias.

A educomunicação trabalha com ecossistemas comunicativos e neles circulam a produção de materiais, estratégias de comunicação, circulação de mensagens, jogos comunicativos. Os agentes implicados no processo constroem fluxos das mensagens e, ao mesmo tempo, produzem sentido. A educomunicação aponta para uma abordagem do conhecimento de forma mais orgânica, sistêmica, que cria um debate em um campo de ação novo no que se refere às questões de ensino-aprendizagem, formulação de currículos e outros produtos e relações.

Nesse processo, os docentes são os grandes agentes mediadores entre os discentes marcados pela sociedade da informação e da comunicação. Para Freire, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas de encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado” (FREIRE, 1985. p. 46). Assim, educomunicação está para além de utilização de técnicas. Ela busca relações intersubjetivas e jogos comunicativos, princípios de reciprocidade, de retroalimentação. A técnica, nesse caso, amplifica os significados construídos.

No decorrer da história, as mudanças tecnológicas sempre suscitam mudanças em outros padrões educativos e não tem sido diferente agora. Importante pensar que, hoje, a comunicação desempenha um papel central e estratégico. Sistemas e processos comunicativos têm ganhado espaço importante no contexto contemporâneo, onde os modos de produção têm alterado os próprios produtos. Nesse sentido, a educomunicação pensa os produtos, mas, para ela, os processos e os sujeitos implicados nos processos são tão importantes quanto o produto gerado pelo envolvimento dos sujeitos.

Por isso, pensar práticas educacionais significa pensar em formação de professores e agentes. Ainda não se encontram significativos espaços de formação na área. Temos encontrado cursos de licenciaturas que ofertam alguma disciplina na tentativa de responder ao desafio. A mais comum tem sido Mídia e Educação.

Conforme Citelli (2011), no ano 2009, em uma pesquisa realizada por professores da Escola de Comunicação e Arte da USP, constatou-se que, de 79 docentes atuantes na Rede Pública de São Paulo, apenas 22 tiveram acesso a alguma disciplina que tratasse do assunto educação e comunicação. Ou seja, por essa pequena amostra é possível perceber que o tema ainda é pouco trabalhado e merece aprofundamento teórico e metodológico.

A Revista Comunicação e Educação que há mais de vinte anos vem trabalhando, divulgando e elaborando conceitos e práticas relacionadas à Educomunicação, tem permitido diálogos sobre o tema. O pressuposto da Educomunicação é que a escola, além de ser espaço destinado ao desenvolvimento científico e da racionalidade, constitui-se oportunidade de elaboração da subjetividade e ao aprimoramento do potencial psicológico dos estudantes e também é um espaço para o despertar da cidadania e da emergência das potencialidades e vocações.

A partir da década de 1970, os especialistas brasileiros se voltavam para países como Inglaterra, Austrália e Canadá, considerando-os como referência na área da Educação Midiática. Nessa mesma época, o Governo francês adotou como conteúdo obrigatório a educação para as mídias. Na América Latina, o tema permaneceu restrito a indivíduos, grupos isolados ou instituições voltadas a grupos religiosos e educadores. Entre esses diferentes grupos não há consenso sobre metas, objetivos e metodologias.

No Brasil, o trabalho mais expressivo de educomunicação tem sido feito pelas ONGs que junto às universidades começou a criar novas orientações e metodologias de trabalho. Com isso o pensamento da educomunicação tem se aproximado das políticas públicas, e as experiências têm sido bem vistas pelo Governo brasileiro, porém ainda não totalmente assumido nas escolas e em outros espaços.

A educomunicação nasce da Educação Midiática, que se estrutura a partir de três protocolos, ou seja, um conjunto de conceitos e normas que auxiliam na construção da identidade das ações e em sua coerência. São eles: o Moral, o Cultural e o Midiático.

O protocolo Moral remonta aos anos de 1930 e tem um caráter mais de proteção à invasão da mídia aos lares e problematizam as questões referentes à publicidade e produção cinematográfica. O protocolo Cultural parte do pressuposto de que os meios de comunicação fazem parte da cultura contemporânea e que, por isso, ocupam espaço de estudo e reconhecimento. A característica mais forte é a relação dos estudantes com os meios de comunicação e as novas tecnologias. O protocolo Midiático é mais recente, data de 1980 e parte da luta pelo direito à comunicação, prioriza o direito à palavra aos sujeitos sociais, entendendo que esse direito é conquistado pela educação.

O protocolo Midiático parte do princípio de que todos estão inseridos nos diferentes ecossistemas comunicativos transitando em diferentes papéis. Apresenta a preocupação com o fortalecimento da capacidade de expressão das crianças e jovens. A intencionalidade desse protocolo é valorizar a mídia e incluir sua análise e uso como procedimento metodológico. Desenvolve seu trabalho por projeto, valorizando todas as formas de expressão, priorizando a artística, ampliando o potencial comunicativo individual e coletivo. Todos os participantes dos projetos são educomunicadores.

3. CONCEITO DISCUTIDO NA PRÁTICA

Para a solidificação dos conceitos e de práticas de educomunicação, os eventos em torno da temática, tem sido de importante contribuição. Na década de 1980 realizou-se, em São Paulo, o I Congresso Internacional sobre Comunicação e

Educação, organizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. O número de participantes foi em torno de 1.500 pessoas provenientes de 30 países. Esse congresso representa uma marca histórica nos estudos de comunicação e educação e se tornou objeto de muitos estudos no Brasil e também em outros países, inclusive com tese de doutorado, como a do autor Joseph Sagayaraj Davados, que também foi participante do congresso.

Segundo Davados, que produziu sua tese de doutorado resultante do congresso, a questão da educomunicação tornou-se um problema de natureza cultural e as experiências latino-americanas tomaram um vulto maior e se tornaram mais conhecidas. Essa constatação de que a questão da educomunicação é um problema cultural tem se confirmado desde lá até o momento atual.

Em São Paulo, na Secretaria de Educação do Município, o projeto Educom. com tem confirmado essa tese. O projeto é voltado a combater a violência nas escolas e incentivar uma prática de convivência cidadã, tem uma grande abrangência e é desenvolvido numa rede complexa devido a sua extensão e número de participantes, bem como as demandas por estar em uma metrópole. O planejamento e o uso colaborativo dos recursos midiáticos proporcionou articulação da comunidade em torno do projeto. Essa proposta tem recebido sustentação em várias administrações públicas, o que comprova a sua magnitude.

Outro exemplo de educomunicação vem do Ministério do Meio Ambiente, com o objetivo de preparar os gestores das áreas de preservação ambiental. O empoderamento midiático passou a suscitar nos jovens o interesse em fazer uso da palavra e dos veículos de informação, para defender os “direitos da terra”, no caso do Ministério do Meio Ambiente.

Os exemplos citados e tantos outros que se pode acessar, apontam para a perspectiva de que a educomunicação se volta para as questões e problemas da cultura. O interesse pelos meios de informação aparece secundariamente. O conceito de educomunicação parte da autonomia epistemológica de sua ação, pois se apoia na interface entre educação e comunicação. Algo novo se dá nessa conexão, para além dos dois campos tradicionalmente conhecidos: a educação e a comunicação.

A partir da educomunicação é possível rever padrões teóricos e práticos pelos quais a comunicação se dá. O processo passa pela alfabetização, o exercício da expressão e amplia o número de sujeitos envolvidos no processo, explicitando cada vez o direito universal à expressão e à comunicação. O esforço em ampliar o conceito e práticas de educomunicação tem fortalecido o Protocolo Midiático e, é possível, ver, no Brasil, a expansão dos trabalhos e da colaboração para que a compreensão teórico-metodológica se fortaleça e que cada vez mais possa estar mais próximos das políticas públicas que ainda resistem a entender a importância da mídia e da comunicação no trabalho educativo.

As inovações no campo da comunicação colocam desafios para a Educação e para a Comunicação, sobretudo quando se pensa em construir cidadania em que é preciso considerar todos os desafios que estão colocados por conta das inovações. Educomunicação tem como um dos seus pressupostos a construção da Cidadania e precisa, necessariamente, saber dos desafios e integrá-los no seu fazer.

Para a educação, a cultura ainda não ocupa lugar de destaque na elaboração dos currículos. Antes de partir para as modernizações tecnológicas é preciso pensar no modelo de comunicação que está presente no sistema escolar, por exemplo, ou nas concepções de educação. Quando o modelo é vertical, autoritário nas relações e linear nas abordagens dos conteúdos, há que se pensar nessa mudança para produzir processos de comunicação efetivos e de aprendizagem. A educação emancipa o sujeito, quando esse se apropria dos processos, dos conteúdos e dos meios. Na educomunicação fala-se em se apropriar dos meios midiáticos.

A informação e o conhecimento são eixos centrais no desenvolvimento social e na capacitação para o mundo do trabalho e a participação efetiva na construção da democracia. A sociedade passa por movimentos e dinâmicas de mudanças que têm causado impactos significativos na vida das pessoas e na forma de conhecer. Um grande número de pessoas hoje consegue acessar as informações via internet, o que as possibilita tomar decisões, se organizar de forma diferente, ter acesso a bens de consumo e serviço e a outras tantas facilidades. Há também uma significativa parcela dessa sociedade que não tem acesso a esses recursos, por questões econômicas ou por habilidades técnicas pouco desenvolvidas. Esse ecossistema constitui um contexto desafiador para a educação.

A relação com as tecnologias, especialmente as digitais, constitui um novo ecossistema comunicativo. Trata-se de uma nova experiência cultural – novos modos de perceber, de sentir, novas sensibilidades. Tem-se vivenciado também um choque nos modos de ser e de estar no mundo entre os jovens e os adultos. Já foi destacada no texto a referência aos nativos digitais, que interagem com a tecnologia de forma diferente dos demais que são incluídos nas esferas da tecnologia. Por consequência, as formas de aprender e de expressar o conhecimento também são diferentes.

A escola deixou de representar, de forma unilateral, o espaço único de construção e legitimação do saber. Há outros canais, difusos e descentralizados, e isso tem representado significativo desafio, tanto para a comunicação, quanto para a educação. Outras linguagens fazem parte do mundo dos jovens e, por isso, é preciso repensar processos de aprendizagens

A educomunicação se propõe a discutir as possíveis construções, integrando e contemplando os diferentes ecossistemas. Se por um lado temos facilidades e recursos para acessar as informações, é urgente repensar a forma de como se constrói o conhecimento e como é possível expressá-lo. Destacando sempre que a educomunicação tem, em seu horizonte, a construção da cidadania, utilizando os recursos de possibilidades do mundo da comunicação.

Conforme Soares (2009), a educomunicação parte do princípio de que as relações de comunicação necessitam das relações dialógicas, como Paulo Freire propunha para o âmbito da educação. As relações dialógicas são estabelecidas entre sujeitos que têm seus conceitos, sua sabedoria, suas vivências, e no caso do professor e do aluno, ainda que estejam em situação cognitiva diferente, ainda que estejam em situação diferente no organograma das relações que se estabelecem no ecossistema educativo, está previsto pela perspectiva freiriana que se estabeleçam diálogos que possibilitem que a criança se expresse, se manifeste, que o seu protagonismo seja reconhecido e a criança seja, também ela, produtora de educação, uma auto educadora.

Nesse sentido, a educomunicação aponta para processos democráticos e formas de expressão que contemplem as diferentes culturas. O conceito de educomunicação começa a ser sistematizado a partir de 1999, pelo Núcleo de

Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Atualmente conta com um público de mais ou menos dois milhões de professores e mais de 50 milhões de estudantes do ensino básico, além de um significativo número de agentes culturais, na educação não formal.

O desafio está em tornar-se uma política pública e seguir ampliando seu campo de ação e reconhecendo os profissionais envolvidos. No Brasil, a educomunicação tem sido levada a setores sociais voltados para as áreas da educação em saúde, em sustentabilidade e em meio ambiente, por meio de ações que primam pelo emprego de procedimentos dialógicos e participativos de comunicação.

Educomunicação é a conexão e a integração de práticas educativas que buscam possibilitar ao estudante, ao professor e ao agente comunitário um saber relacionado à importância da comunicação, suas linguagens e suas formas de comunicação estabelecidas na sociedade. A educomunicação busca criar e fortalecer ecossistemas comunicativos nos diferentes espaços da vida. Prioriza relações democráticas e abertas, contrapondo formas autoritárias de comunicação. Com isso a educomunicação busca o fortalecimento nas práticas criativas e com a utilização de recursos midiáticos.

O impacto das tecnologias e dos veículos de comunicação sobre a educação é visto, na maioria das vezes, como uma má influência a perturbar os processos educativos. Ao discutir essa questão é possível, de uma forma clara e objetiva, pontuar o papel da comunicação como um processo de colaboração e não de diminuição. (FORESTI, 2006, p. 43)

A educomunicação trabalha com o potencial criativo, espontâneo e busca fortalecer relações horizontais entre os pares, no entanto, é importante que siga o planejamento com intencionalidade clara de suas ações, de forma a favorecer o desenvolvimento e o empoderamento do sujeito e a construção de práticas democráticas. A educomunicação não se configura em ações espontâneas, pelo contrário, segue objetivos e metodologia com avaliação constante. O próprio fazer de um grupo significa retroalimentação para o processo.

Tendo presente o contexto da escola brasileira, que ainda é marcadamente autoritária e bancária, a educomunicação representa um desafio, pois a autonomia dos participantes é construída de forma lenta e processual, destacando sempre

que os processos devem contribuir para o desenvolvimento da autoestima dos participantes. No contexto brasileiro isso representa um ganho significativo do ponto de vista pedagógico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de educomunicação tem se estabelecido pela vertente teórica e prática. Ao fazer o exercício de sistematizar a trajetória do conceitos e de práticas de educomunicação no Brasil, foi possível perceber que esse é um conceito e uma área do conhecimento a ser pensada de forma interdisciplinar e sistêmica. De fato, educação e comunicação, não são áreas tão distintas como, ao longo da história, foi sendo trabalhadas. Trazer Paulo Freire como um dos autores brasileiros a refletir e escrever de forma clara de que, para educar é preciso comunicar, foi significativo na construção de um pensamento das práticas de educomunicação em um contexto atravessado por recursos midiáticos. A educomunicação parte do sujeito, inserido em um contexto concreto da vida, com desejos, necessidades e capacidades criativas, para externar o que esse sujeito quer comunicar e de que forma e com quais recursos fará sua manifestação no mundo.

A história da educomunicação no Brasil passou por diversas etapas. A revista Comunicação & Educação, quando comemorou, em 2014, os seus 20 anos de existência, se concretiza ela própria como uma prática educacional. Isso porque ao longo de sua presença, oportunizou o pensamento sobre conceitos, práticas e metodologias da educomunicação, colocando, em diálogo, diferentes pesquisadores das diversas áreas. O resultado dessa revista é o que se tem de mais concreto em educomunicação no Brasil quando se trata de sistematização de conceitos e práticas. Nela é possível comprovar que há um espaço para além de aprender métodos de técnicas da comunicação, mas de fazer comunicação com o objetivo de se construir a cidadania efetiva.

O texto aqui em questão não apresenta o tema de forma acabada. Pelo contrário, os autores seguem discutindo a temática, de forma muito concreta por meio de projetos de pesquisas e assessorias a grupos e escolas com o objetivo de seguir aprofundando a temática em meios às práticas pedagógicas tanto nas universidades, quanto em outros espaços de ação.

Muito se tem a construir em torno do tema, da história e, sobretudo, das práticas educomunicativas. O tema remete para opções arrojadas no campo da ação, pois envolve os sujeitos, propõe que as experiências de vida sejam retratadas e que o potencial criativo seja desenvolvido. Tanto a educação como a comunicação são campos que lidam ou deveriam lidar com a capacidade criativa dos sujeitos, bem como o reconhecimento do seu lugar social. Nesse sentido, a educomunicação se apresenta como uma possibilidade de fazer educação com sentido e qualidade para a vida dos sujeitos e para os processos de aprendizagens, incluído os vários recursos midiáticos de que dispomos hoje.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. (Orgs). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas. 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

FORESTI, Joadir A. **Comunicação, educação e mediações tecnológicas: o Teleformar como organização de educação a distância**. Tese de doutorado, Famecos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2000.

Revista de Educação & Comunicação da USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc>>. Acesso em: 14 mar.2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Teorias da Comunicação e Filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação**, Texto para aula do concurso de titular da ECA-USP, 2009

•● AUTORIA ●•

Janete Cardoso dos Santos – Doutora em Educação. Professora e Pesquisadora na Universidade Católica de Brasília. E-mail: janete.santos@catolica.edu.br.

Joadir Antônio Foresti – Doutor em Comunicação Social. Professor e pesquisador na Universidade Católica de Brasília. E-mail: joadir.foresti@catolica.edu.br.